



Terezinha Mapurunga
Quituteira

A avó de fala baixinha e ligeira nos abençoa com a mais deliciosa de suas receitas: o amor

Foi uma chuva “monstra” – como diz o pessoal de Viçosa – que desabou sobre nossas cabeças. Não somente aquela feita de água, mas a que irrompe quando somos sacudidos pela vida. Nada mais inspirador, para uma entrevista, e também ruidoso para o doloroso processo de transcrição de uma fala como poucas por aí. A responsável por isso? “A avó que todo mundo queria ter”, segundo o depoimento de um, o desejo de outro e a própria confirmação de dona Terezinha Mapurunga, 74 anos, sobre a quantidade de netos “por opção” cultivados mundo afora.

Esse olhar de um azul profundo e calmo veio “das bandas” das Oiticicas e foi acolhido pela cidade de portas escancaradas, àquele ano de 1947. Terezinha poderia prescindir de Viçosa, mas o que seria Viçosa sem dona Terezinha? O encontro entre a menina em forma de boneca de tão linda e o tocador de pife, 18 anos mais velho, de nome Alfredo Miranda foi certo. “Um amor assim que parece que já nasceu amor” só poderia erguer uma casa onde a generosidade transpôs as barreiras consangüíneas para abrigar a quem precisasse se arrancar.

Então, estava fundada a Casa dos Licores, depois de erguida a Casa dos Valores – sim, porque esta misteriosamente se solidificou através de laços invisíveis e desde que construída morada o trabalho significa prazer. Engana-se quem pensa que foi qualquer material de natureza palpável ou a construção do Bondinho de Ubajara os responsáveis pela chegada de turistas e pesquisadores ávidos por sabedoria popular. A pedra fundamental teve natureza intrinsecamente humana, estava no “feito à mão”, em ritmo que foge do tempo dos relógios.

Apesar da constatação, é impossível não se deliciar com “a melhor peta do mundo” para muita gente, sequilhos, “bulins”, esquecidos, geléias, doces e outras tantas receitas surgidas da fusão entre a culinária sertaneja e a serrana e da inventividade de quem não estraga uma fruta. Dona Terezinha não esconde

os ingredientes, afinal “o mundo é para todos”, mas quem pode nascer com a mão que dá o ponto certo, quem pode carregar o dom de cozinhar e amar tão bem quanto ela? Para além de toda pretensão científica, não são necessários tubos de ensaio, nem manipulações de realidade para descobrir a existência de uma energia tão forte “que parece que a gente vai saindo leve” de lá – e a vontade é de não se despedir nunca.

A Terezinha, lutadora e amável, sempre foi o ponto de convergência da família. E continua sendo mesmo com a sensação de que as forças “no lugar” estão se acabando, talvez por conta do esforço sobre-humano que fazia ainda na infância, quando plantava, cuidava dos irmãos mais novos ou atravessava os rios. Hoje, a coragem ao cuidar da mãe, dona Julita, com quase um século de vida e a atenção ao “seu” Alfredo, sua metade indissociável e companheiro no verdadeiro sentido da palavra, não destroem a força que vem de fora. Quem sabe cultivada através da fé e da crença de que “no fim dá tudo certo”?

Aos sete filhos, 12 netos e uma bisneta, dona Terezinha deixa a herança imaterial de uma casa “que não pode ser partida”, de livros de receitas guardados como relíquias, de álbuns, enxovais e recordações tão bem zelados que não se apagam nunca da memória. Assim, como o “doce de metade” feito por suas mãos e dado, uma parte, a quem lhe desse o açúcar, o “doce do legado” aos sucessores faz milagres: a quem vem com amor é lhe retribuído o dobro do sentimento.

A chuva que cai hoje celebra os frutos de quem aprendeu a fazer, fazendo; de quem enxerga a importância do trabalho pela serventia e prazer que pode proporcionar a um sem número de pessoas. A Santa Terezinha de que falamos não age por orações e novenas, mas cozinha em fogão a lenha e nos convence a sentar e provar uma de suas deliciosas receitas, enquanto rios fala baixinho e ligeiro sobre a vida difícil, mas repleta de felicidade.

Equipe de Produção:

Giselle Soares
Síría Mapurunga
Talita Christine

Texto de abertura:

Síría Mapurunga

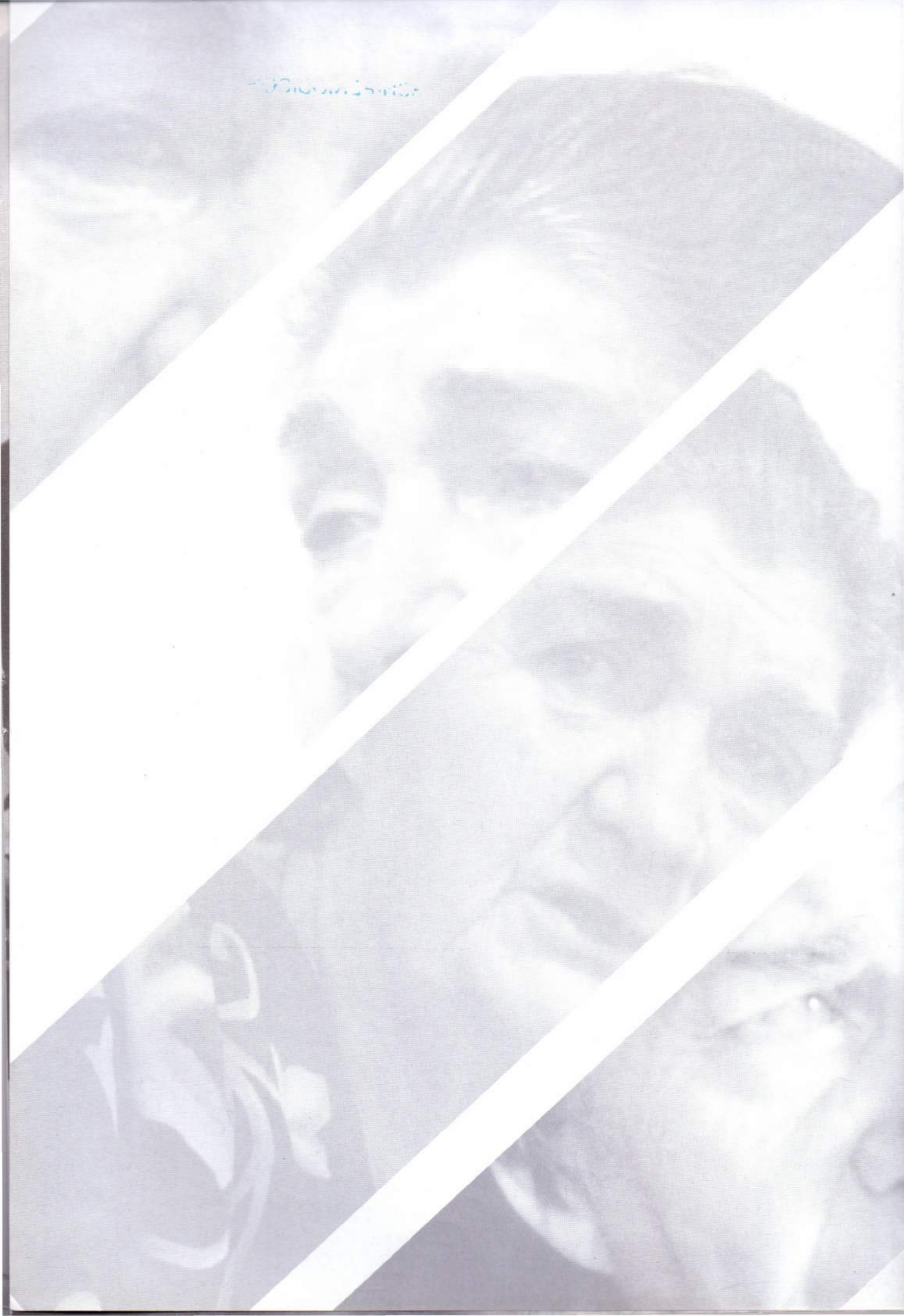
Participação:

Alinne Rodrigues
Ana Karolina Assunção
Diego Silveira
Edwirges Nogueira
Giselle Soares
Gustavo de Negreiros
Isabelle Pequeno
Lucíola Limaverde
Síría Mapurunga
Talita Christine
Thiago Mendes

Foto:

Alinne Rodrigues

— 2000 —



Entrevista com dona Terezinha Mapurunga, dia 26 de abril de 2008.

Giselle — Dona Terezinha, a gente sabe que a senhora veio de uma família de dezoito filhos lá das Oiticicas (*vila do distrito de Lambedouro, localizado no município de Viçosa do Ceará, que fica na Serra da Ibiapaba, a 365 km de Fortaleza*). Desse tempo lá das Oiticicas, qual é a lembrança mais marcante para a senhora?

Dona Terezinha — Eram as festas da igreja. Eu era cantora (*risos*). E os bailes também. Era uma beleza!

Giselle — A senhora sempre cantava nas festas da igreja?

Dona Terezinha — Era (*a festa de*) Santa Luzia, padroeira (*comemorada em 13 de dezembro*). A mamãe (*Julita, senhora de quase 100 anos*) era quem tomava conta da festa, quem recebia os convidados, fazia almoço. Nos dias de Santa Luzia, almoçava de cento e vinte pessoas lá na casa da mamãe.

Giselle — E eram a senhora e a sua mãe ajudando?

Dona Terezinha — Eu sempre ajudei. Eu ficava no comércio ajudando. Quando você (*o cliente*) chegava, eu subia numa cadeira para tirar as peças de fazenda (*tecido*). José Maria Mapurunga, meu irmão, era comerciante. Então, eu pegava aquelas peças de fazenda que o pessoal queria comprar, dobrava e enrolava todinhas no papelão. Tinha muita fazenda boa que vinha de Umirim (*município distante 97 km de Fortaleza*). Na época, tinha a venda de comprar as oiticicas, a fruta, que vocês não conhecem, mas servia para fazer óleo, que era bom. A gente ia apanhar oiticicas pra vender. Éramos eu e o "Chiquim", meu irmão mais novo. Eu (*fazia*) porque gostava, né? Na beira do rio, tinha um pé de oiticica grande, que ficava cheio, cheio. A gente apanhava aquelas latas, não eram baldes, eram latas de querosene (*cheias de oiticicas*) pra vender. Então, a gente chegava e botava na calçada no sol pra secar e vender. Aquilo dava um dinheiro monstro! Os carros iam comprar lá nas Oiticicas. E tudo isso a gente participava. Eu ajudava a plantar, a cuidar da casa, a colher milho verde, a botar água, eu botava água mais ele (*o irmão*) pro jumento... Tudo isso fazia parte da vida da gente. O papai plantava nas terras do Lambedouro, e a gente ia ajudar. A minha irmã (*Franci*) que morreu cedo, em um acidente de carro, essa aí não gostava não. O negócio dela era

costurar, bordar. Ela trabalhava muito bem na máquina, mas nós éramos da roça, aprendíamos tudo, eu e meu irmão.

Síria — Dona Terezinha, a senhora vem de uma família de muitos irmãos, né? Eram 18 irmãos. Como era a criação de vocês? Foi uma criação muito presa?

Dona Terezinha — Não, não era presa não. A gente podia sair. A gente saía pra tomar banho no rio. A mamãe teve muitos filhos, mas nunca deixou de dormir depois do almoço, nunca! Agora, a gente é que ficava olhando os meninos. Cada um era mais lindo! Todos loiros dos olhos azuis e cabelos cacheados. Eram uma coisa linda os meninos! A mamãe achou pouco ter muitos filhos e ainda criou um (*Eduvar Nogueira, sobrinho de dona Julita*). Ele dava mais trabalho pra mim. Ele tinha três anos quando a mãe morreu de parto. E eu disse: "Mamãe, fique com essa criança que não tem mãe". O pai (*do menino*) não ligava... Hoje ele mora bem aqui, pertinho de nós, e já está com quatro anos que não vê a mamãe e é sobrinho dela! Eu sei que quem ficava com ele era eu e, naquela época, ele comia barro, né? Eu fazia um saquinho pra, quando ele colocasse a mão dentro, ele não pegar. Eu cuidava também do Antônio Raimundo (*irmão*), do João Nogueira (*irmão cachula*), tinha a Luzia, que era a coisa mais linda, a que morreu com um ano e meio. Eu só faltava ficar doida com os meninos, mas eles sempre foram muito atenciosos comigo; eu tinha cuidado com eles. Hoje, quando é meu aniversário, todos eles me dão presentes. No Dia das Mães, dão presente; no Natal, sempre mandam. Hoje, não sou eu que moro com a mamãe, é a mamãe que mora comigo. E é ela quem mora comigo, né?

Diego — Dona Terezinha, qual foi o motivo da saída da sua família das Oiticicas pra Viçosa?

Dona Terezinha — Política, meu filho. Meus pais viviam bem, meu pai (*Clóvis*) tinha um comércio grande e meu tio (*Mauro, irmão de dona Julita*) gostava muito da mamãe e sofreu muito. Foi por causa de perseguição política. Nós sentimos muito, a mamãe chorava muito. Porque toda vida o papai acompanhava o tio Mauro na política. E, nessa época, foi o irmão dele (*do pai dela*) quem se candidatou. Ele tinha que acompanhar o irmão dele, né? Era justo. E aí esse irmão da

O nome de dona Terezinha Mapurunga foi sugerido por Giselle, que já havia visitado a Casa dos Licores em viagens com o professor Gilmar de Carvalho e outros estudantes de Comunicação Social. Síria, que também pertence à família Mapurunga, apoiou a sugestão.

A equipe de produção não demorou a ser formada. Entre os desafios colocados, estava uma viagem a Viçosa do Ceará para conhecer dona Terezinha e pessoas próximas, levantando, assim, o maior número de informações para a construção da pauta.

O professor Gilmar de Carvalho, que inclusive já escreveu sobre a Casa dos Licores, sugeriu uma conversa nossa com o antropólogo Ismael Pordeus, professor do Departamento de Ciências Sociais, pois este, em viagens feitas à cidade, havia observado a culinária e a movimentação na casa de nossa entrevistada.

mamãe ficou com raiva, e nas perseguições jogavam pedra, aquela coisa toda... Então foi uma coisa horrível, e a gente teve que vir pra cá depressa. Mas foi bom.

Ainda hoje, quando eu viajo, lembro daquelas velhinhas que gostavam lá de casa, de comprar fazenda. A mamãe quando morria uma pessoa pobre – nessa época não tinha caixão, como agora tem tudo pra vender – dava mortalha pras crianças pobres. Ela dava uma fazenda pra cobrir o caixão. Às vezes, chegava uma pessoa lá em casa dizendo: “Meu filhinho morreu”... Ela dava tudo. Ela fez muita coisa boa, a mamãe, muita mesmo. Hoje é muito diferente!

Eu nasci lá. Papai morou em Chaval (*município distante 400 km de Fortaleza*), morou aqui em Viçosa, morou no Jaguaribe (*município localizado a 308 km de Fortaleza*)... A mamãe era como eu: fazia bolo pra vender. A gente tinha uma loja, e ela botava muito bolo pra vender. E aí eu fui aprendendo a fazer bolo: bolo de puba (*goma extraída da macaxeira*), bolo de macaxeira, bolo de milho... Tudo eu aprendi lá nas Oiticicas com ela. Ela cozinhava bem! Ela fazia uma lingüiça caseira que eu vou te dizer... Paçoca... A comida dela era uma beleza.

Giselle — Dona Terezinha, tinha muita festa na época em que a senhora veio pra cá?

Dona Terezinha — Tinha. Ai, minha filha, as festas eram uma maravilha! Eu tinha um irmão tão difícil que não me deixava ir pras festas, o José Maria Mapurunga, meu irmão mais velho.

“A mamãe, quando morria uma pessoa pobre (...), dava mortalha (...). Às vezes, chegava uma pessoa lá em casa dizendo: ‘Meu filhinho morreu’... Ela dava tudo. Ela fez muita coisa boa, a mamãe, muita mesmo. Hoje é muito diferente!”

Na viagem para Viçosa, no dia 4 de abril, levamos vários livros e reportagens sobre dona Terezinha e a cidade em que vive. Em sete horas de viagem, Giselle se divertiu com as crônicas “Viçosalianas”, de Juca Fontenelle, e Talita tentou dormir, sem sucesso, é claro.

Síria — E onde eram as festas aqui em Viçosa?

Dona Terezinha — Ah, no gabinete, onde hoje é a Câmara. Eram as coisas mais lindas as festas. Tinha um sofá no salão. Quando a gente terminava de dançar, ficava todo mundo sentado no sofá do salão. Em cada sala daquela, tinha umas estantes cheias de livros. Era uma coisa linda, decente! E tinha uns sofás de palha bem amarelinhas, tanto a madeira como a palha. Tinha o gabinete e tinha a Legião. A Legião era chamada de Segunda. Não sei se vocês entendem o que é a Segunda... (*Nesse momento a filha, Tereza Cristina, que acompanhava a entrevista, interrompe explicando que a Legião, ou Legunda, eram as festas para as classes mais baixas e miscigenadas. Ao que dona Terezinha acrescenta: “Mas os brancos não entravam na segunda, não, (se entrassem) botavam pra fora!”*) Mas as festas eram lindas! No Carnaval, era uma beleza. Os “Pinho” (*referindo-se a uma família tradicional de Viçosa*) faziam uns blocos lindos no Carnaval. E a gente fazia fantasias todas lindas. Todo mundo ia desfilar naqueles blocos, e era assim uma coisa... Hoje não tem mais festa, não tem mais Carnaval...

Talita — E a senhora gostava de dançar, dona Terezinha?

Dona Terezinha — Gostava, eu gostava muito de dançar. Iamos eu e a Franci. O meu irmão, o José Maria Mapurunga, ficava só prestando atenção na gente. Ninguém fazia nada. Não podia arranjar um namorado que ele ficava em cima, mas as festas eram muito direitas, muito boas. Só que uma vez, em uma festa de São Francisco (*comemorada no dia 4 de outubro*), lá em Camocim (*distante 395 quilômetros de Fortaleza*), e tinha um velho lá... E este homem me perseguiu tanto que eu saí correndo da festa. Eu saí de uma vez. Naquele tempo era tão bom que até as portas ficavam só encostadas.

Síria — Dona Terezinha, a senhora disse que esse homem era mais velho, mas a senhora casou com o seu Alfredo (*Alfredo Miranda, marido de dona Terezinha, exímio tocador de pife*), que é 18 anos mais velho que a senhora...

Dona Terezinha — Mas ele era um bêbado! O Alfredo era um homem direito. Ele tava bêbado. Era uma desgraça...

Edwirges — Foi em uma dessas festas que a senhora começou a se aproximar do seu Alfredo?

Dona Terezinha — Não. Ele não ia à festa, não. Ele ia me ver dançar com os outros e não gostava, não. Eu pegava a Assunção, minha irmã mais nova, saía com ela pegando pelo braço, e ele dizia: “Tá muito linda”, aí depois dizia assim: “Mas não é a pequena,

não, é a grande". E foi aí que eu fui notar que ele queria alguma coisa comigo.

Síria — E a senhora se interessou logo de cara?

Dona Terezinha — Não. Naquele tempo ele era mais velho que eu e muito, né?

Giselle — E como foi que a senhora começou a se interessar mais pelo *seu* Alfredo?

Dona Terezinha — Pois é... Ele queria tanto que eu namorasse com ele... À noite a gente sempre ia pra calçada, nós ficávamos todos na praça e o negócio foi se animando... Nós casamos no "queima". Ninguém podia fazer festa, e aí foi marcado o casamento pra cinco horas da manhã. Só iam os noivos e os padrinhos. E na noite antes da gente casar, ele passou a noite todinha assobiando lá na pracinha. Mas foi um casamento muito lindo! O Alfredo é uma pessoa muito boa, um marido muito bom, de ouro. Nunca me tratou mal, nunca foi grosseiro, era muito bom. Eu pra ele era que nem uma boneca. A gente saía toda noite pra casa da mamãe, ficava até tarde... Depois que nós tivemos filhos foi que a gente ficou mais preso em casa.

Thiago — E teve convidado no casamento?

Dona Terezinha — Não teve nenhum (*enfática*). (*Risos de todos*). Foi num domingo. Foi muito simples, o casamento. Eu e ele bem alinhados... Aí o pessoal foi desconfiando, mas lá em casa só teve mesmo um café bem simples.

Nesse momento, a filha mais velha de dona Terezinha, Tereza Cristina, explica que, depois do casamento, os parentes e amigos receberam um cartão comunicando o matrimônio.

Diego — Dona Terezinha, houve alguma dificuldade no casamento de vocês devido à diferença de idade?

Dona Terezinha — Não. Perguntavam se era o segundo casamento (*dele*). Mas a casa... Ele chamava pra eu vir olhar a casa (*construída por seu Alfredo durante o noivado*)... eu nunca vim. Quando eu cheguei aqui, a casa tava linda, cheia de colchas, toalhas, as coisas todas... Era tudo branco. *Nesse momento, seu Alfredo entra e faz brincadeiras.* Aí, em casa, quando era domingo, enchia a casa de gente. Os parentes, os rapazinhos, as moças passavam a tarde todinha aqui em casa. Tinha aqueles bolos, tinha umas merendas boas pra eles. A única contra o meu casamento foi a Nenenzinha — a Nenenzinha que é tua tia (*referindo-se à Síria*). Ela dizia: "Como é que uma mocinha nova dessa vai casar com o Alfredo Miranda, um 'véi' desse?". E eu dizia: "Mas não tem nada, não. Eu gosto dele". Então eu casei, tive meus filhos, e ela nunca casou (*risos de todos*).

Giselle — Dona Terezinha, desde que a senhora se casou, a movimentação aqui na



sua casa é do mesmo jeito?

Dona Terezinha — É, é assim. Mais gente pra passear, pra visitar, né?

Síria — A senhora se incomoda?

Dona Terezinha — Não. Toda vida eu gostei. Eu vivia disso. Eu nunca fui de ficar parada, não. Agora, na bodega, vendeu pouco porque ele adoeceu logo (*referindo-se à tuberculose de seu Alfredo, após 10 anos de casamento*). Mas de noite eu acordo e fico pensando... Eu não sei mais como foi que eu passei... Quando o Alfredo ficou doente, o médico mandou que ele viesse pra casa só morrer. Só tinha a Cristina e a Verônica (*filhas de dona Terezinha*). E eu não sei como foi que eu criei esses meninos porque eu tinha que dar atenção a eles, e cadê o dinheiro pra manutenção? Tinha uma pessoa aqui, que era muito amigo da gente (*Chico Passos*), um primo, esse homem me ajudou muito. Todo dia ele mandava uma negra que trabalhava na casa dele deixar coisas aqui. Vinha leite, vinha doce de leite, vinha tudo pra alimentação do Alfredo. Ele morreu em Fortaleza, e o velório foi aqui em casa. Eu fiz questão de trazer ele pra cá. Ele foi uma pessoa muito bacana com a gente. O Alfredo passou três anos em tratamento. As roupas dele, quem lavava era eu, porque as empregadas tinham nojo, né? Tinham medo de pegar a doença. Não tinha aquelas latas de querosene? (*grandes latas usadas na época como depósito*). As roupas (*dele*), eu botava pra ferver numa lata, e a rede quem lavava era eu. Nunca tive medo de pegar a doença dele.

Diego — A senhora passou por problemas financeiros durante a doença dele. De que forma isso afetou a relação de vocês?

Dona Terezinha — Não. Ele ficava isolado. A primeira coisa que o médico disse foi que ele tinha que ficar isolado, porque tinha as duas crianças, e ninguém deixava ele entrar no quarto, não. Ele chorava, chorava porque era louco pelos meninos. Eu tive meus sete filhos todos em um quarto só, e ele nunca saía do quarto, era ele quem botava os meninos pra mamar, tinha muito cuidado com as crianças.

Passando pela estrada do município de Itapajé, a 124 quilômetros de Fortaleza, presenciamos uma cena lamentável: um microônibus caído no precipício. O acidente causou a morte de seis pessoas e deixou 24 feridos. Na volta para Fortaleza, outro desastre: quatro banhistas foram arrastados por uma cabeça d'água na cachoeira do Itarumã, em Viçosa.

Chegando a Viçosa, fomos recebidos pelo avô de Síria, Francisco Mapurunga, ou simplesmente Chico Alípio. Ficamos hospedadas no sítio dele, a poucos quilômetros da cidade. Sua hospitalidade e suas boas histórias, com certeza, fizeram a diferença durante a viagem.

No dia seguinte, seguimos para a Casa dos Licores, onde passamos toda a manhã. A doçura de dona Terezinha e a graça de seu Alfredo logo encantaram as meninas da produção. Difícil não se emocionar com a bonita história de amor dos dois.

Luciola — Só quem entrava no quarto era a senhora?

Dona Terezinha — Só quem entrava era eu, mas ele levantava, ele andava... ele engordou 18 quilos em seis meses. Quando o Alfredo chegou no médico, ele ficou horrorizado, perguntou onde é que tinha se tratado, quem tinha tratado, e o Alfredo disse: "Foi minha mulher". O médico disse: "Pois você é uma heroína". Foi um sofrimento. E nunca eu me queixei com nenhuma pessoa minha, nem ele com uma pessoa dele (*referindo-se às famílias de ambos*). Tinha um irmão (*Pedro Miranda, já falecido*) dele que ele ajudou muito. Ele fazia as cachaças, em tudo ele ajudou muito, mas eu nunca me queixei pra ele, nunca ninguém soube. No dia que nasceu o Alfredo Filho (*terceiro filho do casal, nascido em 1959*), quando o Alfredo ficou bom, eu não tinha dinheiro pra comprar um pão, mas não tinha quem soubesse. A casa se encheu de gente. Era o primeiro filho homem. E era uma época de seca, mas nesse dia teve uma chuva... e o Arnaldo (*primo de dona Terezinha*) disse: "Teu filho vai ser tão feliz, porque nasceu com uma chuva dessas, quem era que ia esperar?"

Gustavo — Como foi criar os filhos? Quais os valores a senhora ensinou a eles?

Dona Terezinha — Eu nunca paguei uma professora pra ensinar o dever de casa aos meus filhos. Eles chegavam em casa e iam fazer o dever de casa todinho. Eu não mandava ninguém estudar. Eles chegavam, pegavam a bolsinha, penduravam na cadeira, tiravam a farda e iam estudar. Nenhum deu trabalho. Todos passavam... Só essa aqui que ficou (*de recuperação*) uma vez, um ano (*referindo-se à filha Tereza Cristina*).

Gustavo — O que eu queria saber é quais foram os valores que a senhora passou pra eles durante a criação.

Dona Terezinha — Eles tavam vendo! Eles tavam vendo o sacrifício. Eles foram embora pra estudar fora. Nós nunca demos dinheiro pra eles, nós nunca pudemos dar. Eles faziam a prova pra Escola Técnica (*atualmente, Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – Cefet-CE*) à noite, pra durante o dia ter o pé-de-meia pra poder "passar" (*manter-se*). Nos primeiros anos que eles estudavam, a gente alugava uma casinha. Quando a gente achava (*e alugava*), no outro ano, o aluguel já tinha subido, e a gente procurava uma mais ordinária pra alugar, mais barata... Até que um irmão meu comprou uma casa pros sobrinhos estudarem. Eu mandava dinheiro do pão e do leite todo dia, mandava contadinho. Mandava uma cesta também, com carne, bife passado, paçoca, mas dinheiro nós nunca demos.

A filha Tereza interrompe para explicar que Gustavo se referia a valores morais.

Dona Terezinha — Isso eu ainda digo pra eles hoje. Passam umas coisas na televisão, e eu digo: "Meus filhos, eu tenho tanto medo de escutar alguma coisa de vocês, eu tenho muito medo. Sejam honestos. Não queiram nada de ninguém". Deus me defenda de alguma coisa que um filho meu faça, um roubo... Eu tenho muito medo. Digo: "Sejam honestos, não devam nada a ninguém, não queiram nada de ninguém". Uma vez a Tereza Cristina chegou aqui com um lápis, não foi, Tereza? Eu fiz ela voltar. Ela disse que tinha achado o lápis, e eu disse: "Não senhora, pode voltar".

Talita — Dona Terezinha, como é que a senhora se sente tendo filhas tão talentosas, umas filhas escrevem (*Tereza Cristina e Verônica*), uma canta (*Inês Mapurunga, cantora soprano*) (*Também há uma filha artesã, Heloísa Helena*)...

Dona Terezinha — ...Muito feliz. A minha riqueza é essa: são os filhos, né? Porque todos são bons — uns mais aperreados que os outros — mas todos vivem aperreados, todos vivem aperreados. Pelo meu gosto, eu ajudava todos, mas... (*pausa*) mas quando eu posso, (*quando aparece*) uma brechinha, qualquer coisinha eu tô mandando.

Edwirges — A senhora acha que a musicalidade do seu Alfredo pode ter influenciado pra que as meninas tivessem criado esse talento?

Dona Terezinha —...É, eu acho que foi ele. Eu não fui uma pessoa muito estudiosa, não, porque eu não tinha tempo. Eu não fiz nem o primário completo. É por isso que eu digo, eu sou uma semi-analfabeta. Estudamos no lugar onde eu morava, nas Oiticicas. O professor, o coitadinho, não sabia de nada também. (*risos da turma*).

Tereza Cristina interrompe — A mamãe diz que é semi-analfabeta, mas sabe escrever corretamente, sabe as quatro operações, sabe aplicar as quatro operações nos problemas do dia-a-dia. Ela fez um primário muito bem feito.

Dona Terezinha — Eu sabia (*enfática*). Eu sabia análise (*sintática*), eu sabia verbo, sabia tudo. Hoje eu não sei mais. Mas eu sabia de tudo. (*pausa*) Graças a Deus, meus filhos sabem tudinho.

Síria — Dona Terezinha, parece que não foi só com os seus filhos que a senhora foi boa, não. A senhora hospedou muita gente aqui, durante temporadas pra estudar...

Dona Terezinha — Ah! Eu queria mostrar o álbum. No álbum dos meus 50 anos (*de casamento*) eu fiz questão de ter todos os que moraram aqui em casa. Eu me casei em maio (*de 1952*), quando foi em agosto, começou a

Após uma pausa para o almoço, no restaurante ao lado da igreja do Céu, seguimos para uma série de entrevistas com pessoas conhecidas de dona Terezinha. Zé Mapurunga Filho (sobrinho), dona Ritinha (irmã) e dona Marina (irmã) ressaltaram que ela sempre foi muito dedicada ao trabalho. Não podemos esquecer também da visita à casa de seu Zé Músico, que antigamente entoava canções ao lado de seu Alfredo.

chegar menino pra estudar, morar aqui em casa. Eu quase não gozei o casamento durante muito tempo — nós custamos quatro anos pra ter filho —, porque a casa era cheia de gente. Foram três da Ritinha, (*Franci, Socorro e Marluce*) uma filha (*Socorro*) da Áurea (*prima de dona Terezinha*), que foi a primeira, Zé Adécio, da fazenda, que já morreu, três sobrinhos do Alfredo (*Margarida, Ana Júlia e Clara*)... Eu sei que era tanta gente... Me lembro que, de noite, fazia aquelas mesadas de café pra eles. Ô menino pra gostar de café com pão!

Giselle — E a senhora sempre recebeu como se fossem seus filhos, né?

Dona Terezinha — Como se fossem meus filhos! Eu tinha o trabalho de fazer trança nas meninas da Ritinha, em outra eu fazia os cachos pra ir pra aula, minha filha! Eu tinha muito medo que a mãe dela visse ela despendeada pra ela ir pra escola.

Seu Alfredo interrompe — Penteaaado! (risos da turma).

Dona Terezinha — Quando foi pros meus filhos irem pra Fortaleza, eu não achei uma casa.

Gustavo — A senhora se sente bem servindo as pessoas?

Dona Terezinha — Me sinto. Me sinto muito bem. Olha, tem uma pessoa aqui, um menino, que às vezes eu choro com pena dele. Eu digo assim: “Ô, meu Deus, eu só queria poder fazer uma casinha e pagar uma mulher pra tomar conta desse homem”. Porque ele já tá quase morto, já. Ele chega e se senta naquele batente (*da frente da Casa dos Licores*). Anteontem ele veio aqui. Me chama de Julita. Aí, eu me sinto bem. Eu só queria poder fazer alguma coisa pelas pessoas que precisam. Quando tá chovendo, a primeira coisa que eu me lembro é de Pedro Cabaço (*nome do mendigo*). Eu não me lembro nem dos meus filhos, eu lembro é dele. Coitado, será que ele tá enrolado? Mas esse sem-vergonha (*em tom de brincadeira*), eu dava era muito lençol pra ele, agora eu não dou mais, porque desde uma época pra cá, ele carrega.

Edwirges — Dona Terezinha, mudando de assunto, quando a senhora se casou com seu Alfredo, ele já tocava pife?

Dona Terezinha — Não, eu não sabia não. Ele tocava, mas eu nunca tinha visto.

Edwirges — Quando ele começou a tocar, a senhora gostava ou achava que era coisa de matuto?

Dona Terezinha — Eu achava, eu achava, mas eu gostava. Tinha umas valsas que ele tocava, que me dava saudade, viu? Tocava umas valsas bonitas... Hoje ele não toca mais.

Edwirges —...Ele fez uma música pra senhora, não foi?

Dona Terezinha — Ele fez um xote agora,

do Dia das Mães. Agora não, que já tá bem com uns seis anos. Fez só a música, e a Maria Inês (*quarta filha do casal*) fez a letra. É bonita... Quando ela canta com ele, eu fico emocionada... Mas, eu vou dizer, Ave Maria... O Alfredo tá desse jeito (*com Mal de Alzheimer*). Eu tenho muito medo de perder ele (*chora*).

Ao fundo: exatamente nesse momento começa o som do pife de seu Alfredo no corredor.

Edwirges — Quais eram as músicas que ele tocava na época?

Dona Terezinha — (*silêncio*)

Tereza Cristina consola a mãe — Mamãe, o papai ainda vai durar muito. Se preocupe não.

Dona Terezinha — Hoje eu banhando ele — quem banha ele sou eu —, ele disse assim: “Ah, mas se não fosse você, o que era de mim?”.

Pequena pausa para dona Terezinha se recompor.

Lucíola — Ele fazia serenata pra senhora?

Dona Terezinha — Não, fazia não. Serenata quem ganhou foram essas meninas (*as filhas*), quando eram mocinhas novas; ele (*seu Alfredo*) gostava, achava bonito... Eu também gostava muito de serenata, mas hoje em dia não têm mais, as músicas (*eram*) lindas. Eram antigas. (*Os músicos*) faziam nessas portas, aqui nessas janelas, ficavam na calçada, de frente pra onde era o quarto delas.

Karolina — Dona Terezinha, depois de mais de 50 anos de casados, como é hoje a sua relação com seu Alfredo?

Dona Terezinha — Minha filha, é do mesmo jeito.

Giselle — Qual o segredo, dona Terezi-

“Às vezes, eu chego no quarto, e ele diz: ‘Ô, eu tava morto de saudade! Tava morto de saudade. É muito bom quando você chega pra se deitar’. Eu digo: ‘Por quê?’, (*e ele responde:*) ‘Porque você’ tando aqui na cama é outra coisa”.

A entrevista com os familiares de dona Terezinha ocorreu na casa de dona Ritinha e foi regada a café, pamonha, rosca de goma e petas. Nesse mesmo lugar funciona a pousada em que a turma ficou hospedada no final de semana da entrevista.

À noitinha, depois de um longo dia de trabalho, a equipe resolveu passear um pouco. Chovia, e a neblina já começava a tomar conta da cidade. No meio de um *book* fotográfico, numa praça deserta, aconteceu um blecaute que fez a equipe, principalmente a Talita, “meter o pé na carteira”.

Antes da volta a Fortaleza, às 9h da manhã de domingo, passamos na casa de Tereza Cristina, primogênita de dona Terezinha, para entrevistá-la e acertar a data e o local do encontro com toda a turma.

na, pra ter um casamento tão duradouro?

Dona Terezinha — Essa noite eu tava achando graça, esse homem (*seu Alfredo*) se levantou — porque eu fico fazendo de noite esses trabalhos, fico fazendo licor com as meninas — e ficou me chamando: “Você não vai dormir agora, não?” Aí eu disse assim: “Agora não, é só mais tarde”. Aí ele vai e se deita. Às vezes, eu chego no quarto, e ele diz: “Ô, eu tava morto de saudade! Tava morto de saudade. É muito bom quando você chega pra se deitar”. Eu digo: “Por quê?”, (*ele responde:*) “Porque você ‘tando’ aqui na cama é outra coisa”. Outro dia, eu acordei, e ele tava me penteando (*risos da turma*). Aí ele disse: “Mas você passou o dia (*anterior*) todinho trabalhando e você já vai se levantar”. Eu disse assim: “Só não quero que você se levante, porque ainda não tem café passado, não”. É do mesmo jeito, ele tem aquele mesmo cuidado. Ele tinha muito cuidado comigo, o Alfredo... Muita preocupação quando eu tava pra ter menino, pra descansar em casa, sem médico, sem fazer um pré-natal, sem nada. Foram sete filhos, todos nasceram no quarto, nunca fiz um pré-natal, nada. Descansava com “cachimbeira” — cachimbeira é parteira — e nasceram todos sadios. Eram as crianças mais lindas. Tinha gente que dizia: “Meu Deus, esses filhos da Terezinha parece que nem pisam no chão”. Eu tinha muito cuidado.

Tereza Cristina explica que mesmo com o fator RH negativo de dona Terezinha e o RH positivo de seu Alfredo, todos os filhos nasceram sadios, mesmo com possibilidade de doença congênita – eritroblastose fetal.

“(...)quem fazia tudo quanto era compra aqui era ele (*seu Alfredo*)
(...) E eu nunca fui ao mercado, ele nunca me deixou ir. Ele dizia: ‘Mulher de homem não vai ao mercado, não’. Não conheço nem o mercado daqui”.

Na semana seguinte à viagem, ainda entrevistamos muitas pessoas que conheciam dona Terezinha. Para nosso desespero, a ligação originada do telefone da coordenação caía a cada cinco minutos. O controle de gastos até é justificável, mas era consurteador, ah, isso era!

Dona Terezinha — Pra vocês verem como é uma coisa de Deus. Quando Deus quer... E eu vou dizer: o berço em que nasceu, em que se deitou primeiro a Tereza Cristina, deitou até agora as minhas. O mesmo berço! Foram os sete filhos... Até o cortinado eu guardava e dizia: “Aqui é pra outro”. Deitaram os sete filhos, todos os netos já se deitaram... Eu fazia muita economia. Também ensinei os meus filhos a serem pobres, todos serem pobres, todos serem pobres. Porque eu criei todos com sacrifício, mas nunca faltou nada. Até hoje ele (*“seu” Alfredo*) pergunta: “Terezinha, meus filhos não passaram fome, não?”. Aí eu digo: “Não. Seus filhos foram os que comeram melhor aqui na Viçosa”. (*risos da turma e dela*). Porque não faltava o leite. Faltava tudo, mas pros filhos, nunca faltou nada. Nada, nada.

Diego — Dona Terezinha, a senhora tava falando da sua relação com *seu Alfredo*. A senhora cuida dele, da casa e cuida também da sua mãe, dona Julita, que vai fazer 100 anos. Como é a relação da senhora com a sua mãe?

Dona Terezinha — Eu tenho muito cuidado com a mamãe. De vez em quando eu olho o quarto (*dela*). Se ela fala mais alto ou tá tossindo, eu digo: “Ei, a mamãe tá tossindo!”. Ainda agora, (*ela*) tava sentadinha na cama. Tem uma pessoa (*que cuida dela*) do dia e outra da noite. Quantas vezes eu escuto ela tossindo! Eu me levanto e vou lá... a companheira dormindo e ela tossindo. Aí, eu chamo a Silvinha (*a menina que cuida de dona Julita à noite*) pra enrolar ela. Trato ela do mesmo jeito. Tinha uma menina que queria levar ela (*a mamãe*) pra passar o dia na casa dela, aí eu digo: “Não! Não vai mais levar ela daqui, não”. Porque ela já tá com quase 100 anos. Já tem aquele jeitinho pras coisas dela, as coisinhas dela, e ela toda a vida gostou foi daqui. Ela não gostou de outro lugar.

Isabele — De onde é que vem tanta força, dona Terezinha, pra cuidar do *seu Alfredo*, da sua mãe...

Dona Terezinha — ...Ah, mas agora eu não tenho mais força, minha filha! Tô ficando sem força... As minhas forças estão se acabando. Na semana passada, ele passou mal, e só tava eu e ele no banheiro, e a porta do banheiro trancada! Ele deixa a Tereza Cristina (*entrar no banheiro para ajudar no banho*). Agora a Heloísa Helena, a mais nova, teve aqui, e eu deixei a porta aberta, pra ela segurar... Porque eu não tenho mais força nos meus braços. Mas ainda agora eu banhei ele, Tereza Cristina! (*dona Terezinha conversa com a filha*)

Karolina — Como é que a senhora concilia cuidar da dona Julita, do *seu Alfredo* e ainda cuidar da casa?

Dona Terezinha — Olha, eu não me deito de dia, eu me levanto às cinco horas da manhã. Quando as empregadas chegam, até a manteiga já tá passada no pão. Tem dias que ainda vou dar uma voltinha com o Alfredo aqui no quarteirão, mas tem dia que não dá tempo, não. Aí eu tenho que telefonar pro mercantil, pro frigorífico — porque quem fazia tudo quanto era compra aqui era ele. A única coisa que eu ainda sinto muito falta é disso (*tom triste*). E eu nunca fui ao mercado, ele nunca me deixou ir. Ele dizia: “Mulher de homem não vai ao mercado, não”. Não conheço nem o mercado daqui. Mas, dá tudo certo, no fim das contas, dá tudo certo. O Alfredo dizia: “Mulher, não se preocupa não que no fim dá tudo certo”. E dá. Agora, quando os meus filhos estão pra vir, pra mim é uma coisa boa. Eu tenho pamonha guardada na geladeira: faço pamonha com açúcar, com sal, de tudo eu boto nos *freezers*. Agora uma coisa que não faço mais que eu fazia muito, que ele (*seu Alfredo*) gostava, é sorvete.

No exato momento em que Dona Terezinha fala de seu Alfredo, ele, novamente, chega. Dessa vez, perguntando pela tapioca. Ela ri e pede pra ele ir atrás da Tereza Cristina. Dona Terezinha continua falando dele.

Dona Terezinha — Tem vezes de noite que ele acorda e diz assim: “Terezinha, se não fosse nossa filha Tereza Cristina, o que é que era de nós?” Ele reconhece ainda, se lembra, viu?

Isabele — Falando um pouco das dificuldades da sua vida, a senhora passou por muita coisa: teve a falta de dinheiro, a doença do seu Alfredo... A senhora nunca teve medo de não conseguir em algum momento?

Dona Terezinha — Não... O Alfredo era um homem de fé e passou pra mim. Passou esse tempo todinho doente, se alguma coisa tava custando, ele dizia: “Não, amanhã a gente tem! Nem se preocupe, amanhã a gente tem...” E tinha mesmo. Mas um dia, nós estávamos precisando de um dinheiro, e eu não sabia o que fazer. Aí eu fui no santuário (*oratório na residência dela*) abri um livro, pois não é que tinha dinheiro dentro do livro!

Thiago — A que a senhora atribui isso, a Deus, à fé?

Dona Terezinha — A Deus, é só Deus. Ave Maria, nós temos muita fé em Deus! Mas agora nem ele (*seu Alfredo*) nem eu estamos quase rezando. Anteontem, ele chegou: “Terezinha, deixa eu rezar essa Salve-Rainha pra ver se ainda é assim.”

Diego — A senhora ia à Igreja com frequência?

Dona Terezinha — Ah, meu filho, o Alfredo ia à Igreja todo dia, e eu só ia com ele de tarde. À noite, eu não ia, não. Eu não podia

sair. Toda vida eu (*ficava*) trabalhando. Mas, ele ia à missa todo dia. Todo dia se levantava cedo, tomava café, fazia o fogo — que era no fogão a lenha — botava a chaleira no fogo, tomava café, aí ele (*ia*) saindo pra Igreja e dizia: “Terezinha, eu já tô indo pra Igreja.” E eu me levantava (*pra cuidar da casa*), porque a porta ficava aberta, e as empregadas só chegavam mais tarde. E isso foi (*assim*) a vida toda. Agora é que ele não vai mais.

Gustavo — E a senhora continua indo?

Dona Terezinha — Não tô indo, porque não posso mais ir, não. Tenho medo de deixar ele só. Ele não tem mais noção. Eu assisto muito à missa e ao terço na televisão, mas ele não olha, não se concentra mais.

Giselle — Mas a senhora recebe a comunhão aqui...

Dona Terezinha — ...Todo domingo, o Ministro da Eucaristia vem trazer a comunhão pra mim, ele e a mamãe. Mas ele gostava muito (*de ir à missa*), era um homem de fé. Se existia um homem de fé, que acreditasse em Deus, era o Alfredo. Teve uma época que ele sabia a Bíblia todinha de cor. Quando ele tava doente, ficava deitado lendo a Bíblia.

Giselle — Dona Terezinha, a gente ficou sabendo que o arcebispo de Fortaleza, D. José Antonio, esteve aqui. Como foi essa história?

Dona Terezinha — (*Manda a filha Tereza ir buscar um álbum que continha um cartão escrito por ele ao casal*) Ele veio aqui foi duas vezes. Veio a primeira vez, pertinho das nossas Bodas de Ouro (*em 2002*). Ele disse que não ia esquecer a data, porque era o dia do Papa (*18 de maio, aniversário do Papa João Paulo II*). Quando foi no dia, nós recebemos um cartão dele. Quando ele veio a segunda vez, foi entrando e disse: “Como foi a festa?” (*dona Terezinha fala empolgada*). Aí eu disse: “Muito bem! Vou lhe mostrar meu álbum”. Quando ele viu, disse: “Ô, mas a senhora está muito chique!” (*risos*)

Diego — A senhora se lembra da segunda vez que ele veio aqui?

Dona Terezinha — Eu não lembro qual foi o ano. Não fazia nem um ano, não.

Giselle — E o que significou pra senhora



Na véspera da viagem para a entrevista com dona Terezinha, durante a reunião de pauta, ficamos sabendo do falecimento do então Reitor da UFC, Icaro Moreira. A viagem teve de ser adiada por uma semana.

Durante a viagem, ainda na topic que levou a equipe a Viçosa, soubemos que o então diretor-presidente do Grupo de Comunicação O Povo, Demócrito Rocha Dummar, havia falecido. O clima entre os estudantes, que até então era de muita animação, ficou tenso.

À noite, tivemos oportunidade de contemplar a neblina de Viçosa. Nem mesmo o espectador com a visão mais apurada conseguiria avistar alguma coisa a poucos metros de distância.

No exato momento em que a entrevista começou, fomos contemplados com uma chuva forte — a tradição popular diz que é sinal de sorte.

essa visita?

Dona Terezinha — Aí, eu vou dizer: eu fiquei tão emocionada, que eu chorei quando recebi o cartão dele. Olha, aqui anda muita gente. Outra vez, ele veio com outro bispo também. Dessa outra vez, quando ele veio, eu dei pra cada um deles uma garrafa de licor. Aí, ele falou: “Mas a senhora vai fazer uma coisa dessa?” Era muita gente. Aí eu disse: “Mas eu não dei pro senhor? Eu dou pros outros também”. Pra cada um deles, eu dei um licor.

Thiago — Dona Terezinha, eu queria voltar pra uma questão que a gente já falou, que é a relação da senhora com Deus. A senhora falou que é devota de Santa Terezinha...

Dona Terezinha — ...De Santa Terezinha, do Coração de Jesus... Pra mim, o maior santo é o Coração de Jesus.

Thiago — A senhora acha que a melhor forma de agradecer a Deus é através da fé ou de nossas ações?

Dona Terezinha — Da fé e das ações. Acho que mais da fé, eu tenho uma fé muito grande; eu não, eu aprendi com o Alfredo. O Alfredo teve muitas doenças pesadas, ele fez 30 operações na garganta, botava compressa na garganta, (fez) 105 radioterapias (*método capaz de destruir células tumorais*) na garganta. E o médico disse que quando ele começasse a fazer as radioterapias, ele ia perder a voz. Na sexta (*vez de fazer a radioterapia*), o médico disse: “Seu Alfredo, fale aí”, ele deu um grito. Ele fez “uhhhh!” O médico disse: “Esse homem é doido mesmo!”. Olha, o Alfredo já teve dois AVCs (*Acidente Vascular Cerebral*). Não sei como é que ele

“A mamãe temperava muito bem. As comidas que ela fazia — que eram muito boas — eram da terra mesmo, como se diz, típica, né? Carne com banana... Eu faço do mesmo jeito. Aprendi tudo com ela.”

No repertório da viagem, tanto na ida quanto na volta, predominou o eclético — as músicas variavam de Capital do Sol (grupo cearense de forró existente desde 1995) a Chico Buarque.

ainda tá desse jeito, graças a Deus! — é a fé que a gente tem. Já teve tuberculose. O médico disse: “No seu raio-x, você não tem uma mancha, não, você tem uma caverna no pulmão!” Por isso que eu digo: é um homem de fé.

Talita — Dona Terezinha, a senhora é uma pessoa que gosta muito de ajudar as outras pessoas. A senhora acha que isso é fruto da sua religiosidade?

Dona Terezinha — É, é coisa minha mesmo, porque eu gosto de fazer. Olha, às vezes, eu faço as coisas escondidas aqui, e eles (*os filhos*) nem vêem. Quando eu asso um bolo no forno, eu asso (*escondido*), porque eles não querem mais que eu faça, e as empregadas não olham, não. Eu tenho não sei quantas (*empregadas*) na cozinha, mas elas não olham não.

Giselle — Até hoje a senhora inventa receita, né?

Dona Terezinha — O livro que eu gostava era de receita. Hoje eu não decoro mais, antes eu decorava. Hoje, uma meninazinha que vende revista me deu um livro de receita deste tamanho (*muito grande*). Eu não tive tempo ainda de olhar. Eu anotava, mas agora não tenho mais força na mão pra escrever, não.

Edwirges — A senhora ainda tem o caderno que anotava as receitas?

Dona Terezinha — Tenho. Nos cadernos, rasgam-se as folhas, mas eu ainda boto tudinho nas pastas. Hoje, eu tava aqui me lembrando: “Meu Deus, não sei onde eu coloquei uma folha de papel que tem umas receitas de um molho, que é bom, que eu quero fazer agora pra guardar, porque os meninos (*filhos*) vêem. Vou preparar logo o molho, que assim fica mais fácil.”

Síria — A senhora lembra qual foi a primeira recordação que a senhora teve da cozinha, de alguém fazendo uma comida? Quem foi que fez a senhora gostar de cozinhar, de aprender a fazer as coisas?

Dona Terezinha — Foi a mamãe mesma. A mamãe temperava muito bem. As comidas que ela fazia — que eram muito boas — eram da terra mesmo, como se diz, típica, né? Carne com banana... Eu faço do mesmo jeito. Aprendi tudo com ela. Preparava no fogão à lenha, nesses fornos de barro. Não tô dizendo que eu botava num caixão à medilha?

Síria — O que é isso?

Dona Terezinha — Medilha era uns caixões de madeira que se fazia para medir. Botava na boca do fogão pra poder alcançar pra assar o bolo.

Giselle — Dona Terezinha, as petas da senhora são conhecidas. Como foi que a senhora começou a fazer?

Dona Terezinha — Eu aprendia (*a fazer*)

essas coisas minhas, eu fazendo...

Tereza acrescenta — Com a vovó Júlia (mãe de seu Alfredo) também...

Dona Terezinha — Mas as delas eram diferentes...

Alinne — Mas é porque a da senhora é diferente, tem que ser diferente.

Dona Terezinha — É.

Alinne — É muito gostosa!

Alinne e Síría — Qual é o seu segredo, dona Terezinha?

Dona Terezinha — Não sei. Uma vez teve um médico aqui, amigo do Plínio (*marido de Tereza Cristina*). A Tereza Cristina tava botando a janta pro Plínio, aí o médico disse: "Ô, carne cheirosa essa daqui!", aí a Tereza Cristina perguntou se ele queria, aí ele disse: "Quero!". Ele pensava que era carne importada. Aí a Tereza Cristina botou e ele perguntou: "Dona Terezinha, que é carne essa?" Aí, eu disse: "Essa aí é carne de terceira." (*risos da turma*). Eu comprava um pouquinho de carne, aí vinha carne ruim e eu tirava (*ela*) todinha pra fazer de um jeito, pra aproveitar. Eu fazia muita economia, muita coisa, e nunca passamos fome. Minha mesa toda vida foi farta: paçoca, galinha à cabidela... Tinha um monte de comida que eu fazia. O Alfredo Filho, quando chega aqui, diz: "Mamãe, esse bife que a senhora faz, não tem quem faça igual". Quando eles (*os filhos*) chegam aqui, eu faço tudinho: é bife, é carne moída. Pra Maria Inês e o Henrique (*Carlos Henrique, sexto filho de dona Terezinha e seu Alfredo*), é a carne seca com banana, é a carne de sol. De todos, eu sei o gosto.

Edwirges — A senhora sempre segue a receita do jeito que é ou a senhora tenta colocar mais algum ingrediente?

Dona Terezinha — Não, é do jeitinho que ela tá. A Tereza Cristina é que gosta de inventar, ela aproveita tudo. Eu não estrago uma fruta aqui em casa. Quando eu vejo que vai estragar alguma coisa, eu faço um suco, faço uma torta, invento uma coisa, mas não deixo estragar.

Talita — E qual a receita que a senhora mais gosta de fazer?

Dona Terezinha — Gostava muito de fazer rocambole de batata com frango. Gostava muito de fazer... Quando foi domingo eu fiz, mas não foi pra cá, foi encomenda... Agora eu quase não faço mais aqui pra casa, (*porque*) somos só eu e o Alfredo.

Diego — A senhora ainda recebe muitas encomendas?

Dona Terezinha — Não. Já tô deixando. Mas antes eu fazia muita comida. Numa Sexta-feira Santa, uma vez, eu recebi oito encomendas de rocambole de batata com peixe. Eu fazia tudinho...

Giselle — E a senhora fazia também buffet pra festa, né?

Dona Terezinha — Ah! Eu era a maior banqueteira! (*risos da turma*). É banqueteira que se diz? Fazia muito pra casamento, 80 anos, 15 anos... Eu fazia uns de graça, minha filha! Da minha sobrinha, uma vez, eu fiz tudinho. Só pedi o material — ela me deu — e eu fiz de graça. Já cheguei a fazer pra 700 pessoas!

Thiago — E a receita dos "bulins"? Onde é que a senhora aprendeu?

Dona Terezinha — Meu filho, eu nem sei...

Síría — Dona Terezinha, a gente sabe que todo mundo conhece Viçosa por causa das petas, né? E eu queria entender... A peta é feita de goma, não é? Mas a sua é diferente de todas as outras que a gente provou aqui...

Dona Terezinha — ...É porque eu boto mais ovos e boto óleo. As petas que eles (*os concorrentes*) fazem aqui, têm umas que (*elas*) não botam nem um ovo.

Síría — E qual é a receita da sua peta?

Dona Terezinha — Desde que eu faço que é a mesma! (*risos da turma*). É um litro de goma, cinco ovos e uma lata dessas de óleo, de quarta de óleo de coco de babaçu. É só isso. Aí você vai preparar, o material é esse: a goma, os ovos, o sal e o óleo de coco. Olha, eu tirava era óleo de coco com o Alfredo. Pois sim, pois as petas são essas. Eu gosto mais de fazer com ovo de galinha caipira. Aí um homem disse que tava queimada. E eu disse: "Não é queimada não, meu senhor, ficam assim amarelinha por conta do ovo de galinha caipira". As outras são brancas. Mas tem gente que chega aqui e diz: "Não, eu quero as petas brancas". Aí eu digo: "É doido!".

Síría — A gente ouviu falar que a senhora conhece o pessoal da mata que tira esse óleo que a senhora tava falando. Como é que tira?

Dona Terezinha — Tinha um sitiozinho, que tinha uns cocos que eu mandava trazer pra cá, pra gente fazer... Você quebra um coco, tem que quebrar o coco com machado, você taca no chão — nós trabalhamos todo o tempo juntos (*ela e o marido*), o mais pesado ele fazia — aí ele (*o Alfredo*) quebrava no machado, eu com a ponta de faca ia tirando (*o miolo do coco*); aquele coco a gente escorre tudinho, os inteiros pra um lado e os quebrados pro outro. Coloca no forno pra torrar, depois de torrado, aí a gente vai pisar no pilão. Pisa até ficar uma água. Aí depois que fica só aquela água, a gente bota pra cozinhar. Quando tiver fervendo a água, aí vai soltando o óleo, soltando o óleo, soltando o óleo e a gente vai aparando.

Thiago — E hoje ainda é o mesmo processo?

Dona Terezinha — É não, meu filho! Hoje

No trajeto, tivemos oportunidade de conhecer o famoso calor sobralense. A cidade nos acolheu não só com seu já conhecido clima, mas também com um delicioso almoço no percurso de volta.

Em Viçosa, passamos pelo inferno e pelo Céu. Literalmente! O inferno vem primeiro — ao chegar à cidade, o visitante passa pela conhecida "Ladeira do Inferno", também denominada "Ladeira das flores" — sendo esta alcunha menos popular.

No Céu, além de visitarmos a belíssima igreja, também provamos um pouco mais da deliciosa culinária viçosense, durante o almoço no dia da entrevista, o que nos fez chegar à casa de dona Terezinha de "barriga cheia", empazinados.

seu Alfredo interrompeu a entrevista várias vezes – tanto para fazer graça para os visitantes ao contar piadas e tocar pife, como para matar a saudade de dona Terezinha.

A filha, Tereza Cristina, acompanhava atenta a entrevista, cuidava do pai e recebia turistas que chegavam à Casa dos Licores naquelas duas horas.

têm é as forrageiras, que moem aquele coco, extraem o coco e num instante tiram, mas não fazem mais óleo.

Giselle — Desse processo pro outro muda o gosto?

Dona Terezinha — Não, é a mesma coisa, é a mesma coisa. Mas era desse jeito.

Síria — E como se faz o sequilho?

Dona Terezinha — É (com) goma, açúcar, nata de leite e sal. Bota toda aquela nata na vasilha, junta o sal e bate bem. Eu desmanchei nessa semana 61 litros de goma pra fazer biscoito. Só num dia! E ainda sou eu que boto a manteiga, que boto a nata, que boto o leite. Quem bota tudo sou eu.

Síria — A senhora se preocupa em deixar as receitas que a senhora sabe para os filhos continuarem?

Dona Terezinha — Me preocupo, me preocupo. Porque nós só temos esta casa.

Síria — Por que a senhora acha isso importante?

Dona Terezinha — Porque minha vida foi essa. Porque hoje todos (os filhos) já estudaram, né? Mas eu tenho muito medo. Tem muita coisa que eu já deixo pra Tereza Cristina, queria que ela viesse ver como é que amassava, misturava ali tudo aquilo. Eu digo pra eles: “Nós só temos essa casa aqui. Essa casa ninguém pode partir pra sete filhos. Fiquem com essa casa desse mesmo jeito, até agüentar a terceira geração, não sei”. Porque tem que ficar um, né?

Thiago — E a senhora acha que os filhos vão seguir as receitas?

Dona Terezinha — As receitas estão todas nos livros. Tem muita receita boa, receita antiga. Têm uns livros velhos, com as folhas todas amarelas já, mas têm umas receitas muito boas, de comida mesmo, que eu nunca nem fiz.

Edwirges — Quando suas filhas eram pequenas, qual delas ficava mais perto da senhora na cozinha, observando?

Dona Terezinha — Tereza. A Heloísa, a cacula, só queria saber de estudar. De estudar, não, de ler. Ficava trancada no quarto, é essa que é hippie. Ela é tão carinhosa... Ela telefona quase todo dia. Quando sai daqui, sai chorando. Quando ela teve aqui nesse mês, ela chorou, e eu chorei. Ela saiu pra pegar o ônibus de manhã pra ir pra Parnaíba (cidade localizada no Norte do Piauí, fica a 350 km da capital Teresina). Quando eles eram pequenos, o Alfredo dava, pra cada um, um dinheirinho. Pouquinho, mas dava. Quando é agora, ele não pega mais em dinheiro. A Tereza Cristina deu uma cédula de 20 reais e disse: “Papai, guarde aí no seu bolso”. E ele botou no bolso. Quando ela (Heloísa) acordou, abraçou ele, beijou ele pra ir viajar, aí

ele foi e deu: “Pegue, pra ajudar na sua passagem”. Eu chorei, porque nunca mais ele tinha feito uma coisa dessas. Ela chegou pra mim e disse: “Ô, mamãe, eu vou saindo com meu coração partido de pena do papai”.

Giselle — Dona Terezinha, como foi que a casa da senhora virou a Casa dos Licores? Como foi que isso aqui começou?

Dona Terezinha — Isso, minha filha, pra todo mundo que chegava aqui — porque essa aqui foi uma casa que sempre veio muita gente aqui — eu botava licor, botava patê, fazia as petas, fazia rosca. Todo dia eu faço rosca aqui em casa. Eu fazia três tipos de bolo — o Alfredo era que nem uma criança, ele gostava muito de comer as coisas. Eu fazia as latas de pão-de-ló torrado e os biscoitinhos pra ele. E começou assim, tudo desse jeito. Tinha gente que chegava pra merendar, almoçar, passava de dois dias. Aqui em casa, sempre foi assim, cheio de gente.

Um dia, chegou uma senhora de Parnaíba, chegou sozinha. Aí, começou a conversar, dizendo que era aniversário dela: “Oh, dona Terezinha, tô aniversariando aqui com a senhora”. Aí, cantamos parabéns pra ela. Ela chorou. Eu sei que ela tava tendo um problema... Quando ela foi saindo, ela disse: “Olha, dona Terezinha, eu cheguei aqui e eu vinha com o astral lá em baixo, tão estressada, que eu não sabia nem como entrar aqui. Pelo meu gosto, eu ficava com vocês pelo menos uns dois dias. Eu tô tão bem, que parece que acabou tudo de ruim que eu tava sentindo”. Eu disse assim: “Você não foi a primeira não. É assim com muita gente”. Tem gente que diz assim: “Quando eu chego aqui no seu Alfredo, eu sinto uma energia tão forte, que parece que a gente vai saindo leve”. Aqui chega crente, chega testemunha de Jeová, chega católico, (e/les) fazem oração pra mim. Um dia desses, eu tava perto do fogão, fizeram uma roda e rezaram. Mas Deus é um só, né? Então...

Gustavo — A senhora acha que essa energia positiva que tá dentro da sua casa, ela passa também pra aquilo que a senhora produz, pros alimentos que a senhora vende?

Dona Terezinha — Eu acho que sim. Eu acho que sim, eu faço tudo com amor. Mas, agora eu tô notando que as forças — começa daqui (dona Terezinha aponta para as costas) — estão se acabando. Eu pelejo pra fazer uma coisa e não tenho mais força. Mas anteontem eu mexi três tachadas de doce (risos).

Alinne — Dona Terezinha, a senhora usa freezer na sua cozinha, que era uma coisa que não tinha antigamente...

Dona Terezinha — ...Não tinha freezer, não tinha fogão a gás butano. Eu fui conhecer fogão, eu tava esperando descansar da

Dois irmãs de dona Terezinha, que foram visitá-la naquele dia — Assunção e Marina —, aguardavam a irmã enquanto conversavam com a mãe, dona Julieta, na sala da degustação.

Enquanto a entrevista ocorria, dois ônibus de turistas chegaram à Casa dos Licores.

Maria Inês...

Alinne — E por que ainda hoje a senhora usa o fogão a lenha?

Dona Terezinha — Ah, eu não deixo não! (risos) Porque eu quero bem, eu gosto.

Giselle — O gosto (da comida) é diferente?

Dona Terezinha — É diferente... Depois que o Alfredo ficou doente, já mandei consertar (o fogão) duas vezes — e é caro o conserto. Tem dois guardados que eu deixei pra Tereza Cristina, porque ela tem muita vontade de fazer uma pousada aqui. E eu digo: "Mulher, faz, enquanto eu ainda tenho força ao menos pra temperar as carnes". Quero deixar pra ela não pra usar, mas pra enfeitar, né?

Olha, eu tenho uma fé tão grande... A Heloísa — ela é hippie, artesã mesmo — fazia Letras, fugiu daqui com este hippie (referindo-se ao companheiro de Heloísa), passei um ano chorando. Aí, ela queria morar em Parnaíba, pra ficar mais perto da gente — ela só gosta de praia. Aí, ela telefonou pra mim: "Mamãe, eu vou comprar uma casinha aqui, a senhora pode me emprestar mil reais?". Eu disse: "Empresto não, minha filha, eu dou" — mãe não empresta nada pra filho, nunca emprestei. Aí, eu disse: "Tá certo, pode fazer o negócio". Eu tinha uns fogões guardados pra vender, nunca mais ninguém tinha procurado, e ela precisava de 700 reais. Tinha dado uma parte e precisava de mais 700. Ela tava aqui em casa — era um período de festa, tinha muita gente. E eu tava apurando esse dinheiro pra dar pra ela. Eu nunca fui apegada a nada.

Aí, chegou um rapaz de Ubajara (município localizado na microrregião da Ibiapaba, fica a 304 km de Fortaleza) dizendo: "Dona Terezinha, eu ouvi falar que a senhora tem uns fogões de ferro pra vender. A senhora quer me mostrar?". Chegou, comprou logo o fogão por 700 reais em dinheiro e disse que vinha buscar na quarta-feira, mas pagou logo. Aí eu disse: "Meu Deus, obrigada, meu Deus, como é uma coisa dessa!". Aí, quando ela chegou, eu disse: "Heloísa, tu nem sabe, pois eu não já apurei os teus 700 reais?", e ela disse: "Mamãe, pelo amor de Deus!".

Outra vez, ela tava longe e precisava de dinheiro pra inteirar a compra dum carro — mas essas coisas eu fazia combinando com a Tereza Cristina, a filha mais velha, né, que é a que mora aqui — aí eu disse: "Deixa eu ver que eu mando esse dinheiro pra ti" (referindo-se à filha Heloísa Helena). Parece que era 800 reais. E eu: "Meu Deus, como que eu vou fazer pra apurar esse dinheiro?". Foi quando veio uma mulher pra eu fazer um banquete. A mulher me deu o dinheiro, e eu não fiquei com nenhum tostão, mandei pra ela pra comprar o carro. E aí tudo dá certo, né? Só não deu certo

ainda um apartamento pra Maria Inês, que a pobrezinha tem tanta vontade, e meu sonho é esse. Mas eu tenho fé em Deus que antes de eu morrer eu compro.

Síria — Eu queria voltar a falar um pouco sobre a Casa dos Licores. Eu quero saber quando foi que a senhora notou que isso aqui virou um ponto turístico da cidade?

Dona Terezinha — Começou assim, foi gente de toda parte chegando... Foi abrir com o bondinho em Ubajara. O pessoal vinha pra visitar o bondinho, aí lá sempre avisavam que aqui tinha a cachaça velha e as petas, não era tanto nem o licor. O licor era pouco, eram só dois tipos de licor, três. Aí foi começando. Na Semana Santa e no Carnaval, era assim uma coisa, nunca dava, porque eu não fazia o suficiente, tinha medo. Agora, não, pode chegar é gente.

Thiago — Mas, no começo, já vendiam de tudo?

Dona Terezinha — Vendia. Vendia o biscoito, a peta, e os licores eram poucos sabores. Tinha o doce de buriti que, desde que eu me casei, eu faço. Olha, todos os anos eu faço 1600, 1800 quilos de doce.

Isabele — Como é que a senhora se sente se lembrando da infância no sertão, das dificuldades, e hoje sabendo que a Casa dos Licores é um ponto turístico da cidade?

Dona Terezinha — Eu sinto saudade e acho que isso, essa Casa dos Licores, foi a coragem que eu tive de trabalhar lá e tenho de trabalhar aqui. Olha, eu tenho uma força e vontade tão grande de trabalhar que, se o Alfredo me chamasse, eu passava a noite todinha acordada trabalhando, arrumando

"Aí, ela (a Heloísa) telefonou pra mim: 'Mamãe, eu vou comprar uma casinha aqui, a senhora pode me emprestar mil reais?'. Eu disse: 'Empresto não, minha filha, eu dou' – mãe não empresta nada pra filho, nunca emprestei".

No dia da entrevista, dona Terezinha nos presenteou com um vidro de licor para cada um. No dia seguinte, quando fomos visitá-la, ela nos deu um saco de petas, um de bulins e um de sequilhos. "Para merendar na viagem", disse ela com aquele tom de avó preocupada com os netos.

No nosso percurso pelo Céu, onde almoçamos, encontramos colegas de universidade – estudantes do curso de Engenharia Civil da UFC, que também faziam trabalhos em Viçosa.

No dia em que ocorreu a entrevista, parte da equipe foi conhecer o forró das Oiticicas.

Dona Terezinha nasceu no dia 2 de agosto de 1933, no sertão das Oiticicas (vila localizada no município de Viçosa do Ceará). Ela é a sexta dos 19 filhos de dona Julita e seu Clóvis.

Durante a infância, dona Terezinha ajudava na lavoura, cuidava do comércio do pai e, ainda, dos irmãos. Foi por essa época que também aprendeu a cozinhar observando a mãe.

as coisas. Às vezes, eu acordo 4h30, 5h, pra arrumar os licores tudinho; o pessoal compra, aí é difícil tá arrumado. E as meninas que ajudam, assim que o pessoal sai, elas debandam (*saem*) também e deixam do jeitinho que ficou. Aí eu vou arrumar. Tem um rapaz que trabalha aqui que, quando eu me levanto, eu acho bom que ele já tem feito o fogo, botado a chaleira no fogo, aguado planta... Mas eu sinto saudade ainda da Oiticica. Eu fecho meus olhos e vejo aqueles rios que a gente tomava banho, aqueles pés de planta, aqueles coqueiros, a casa em que nós morávamos. Me lembro de tudo, de tudo e de quem fosse, porque eu trabalhei na Oiticica, trabalhei muito. Com oito anos, eu tomava conta de uma loja. Sabia quanto centímetros de fazenda era em dinheiro. Eu com oito anos. E agora não sei mais, não. Eu fazia as coisas bem direitinho.

Talita — E como começou essa história da degustação? A pessoa chegava aqui, pegava...

Terezinha — ...Aqui toda vida foi assim. Chegava, botava o café na mesa, os licores. Um dia desses a Tereza Cristina queria botar a mesa pra cá pra degustação (*na sala onde acontecia a entrevista, ao lado da antiga bo-dega de seu Alfredo*), mas não deu certo não. Eu disse: "Não dá certo não, Tereza Cristina, é do jeito que tá mesmo." Às vezes, a gente pensa que o pessoal come muito, bebe muito, mas, menino, passa a semana todinha, e eu abasteço os vidros só uma vez.

Thiago — Dona Terezinha, e, quando a senhora tá na beira do fogão, tem ajudante ali com a senhora?

Dona Terezinha — Tem. Eu tenho quatro pessoas todo tempo. Mas as minhas carnes quem ainda tempera sou eu. A Tereza Cristina compra carne pra casa dela, e sou eu quem tempero. Aí os filhos dela dizem assim: "Mãe por que é que quando a gente come na casa da vovó é um gosto e aqui é outro?" A Tereza Emília (*neta de dona Terezinha e filha*

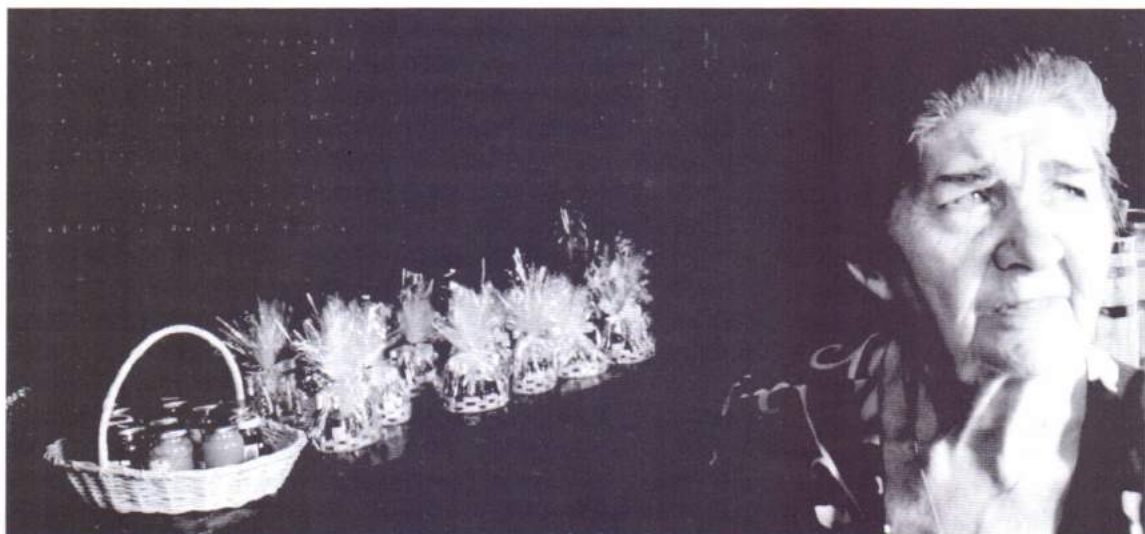
de Tereza Cristina), quando vai pra Fortaleza, eu compro três, quatro quilos de carne e dou pra ela todinha já assada, parece churrasco. Ela congela e todo dia assa. A mãe dela nem sabe, eu compro com meu dinheiro.

Lucíola — Dona Terezinha, como é a história do doce de metade que a senhora fazia?

Dona Terezinha — A gente tinha um quintalzinho que tinha muita fruta, tinha umas bananas, aí eu fazia o doce. Isso em 1955, 1956. A pessoa dava o açúcar, e eu dava banana, aí eu repartia no meio e dava pra ela a metade. Depois eu fiquei: "Que besteira essa minha!". Trabalhava, mexia as tachelas de doce. Um dia, chegou uma mulher e disse: "Terezinha tá aqui o açúcar...", e eu disse: "Não, agora eu vou fazer pra vender. Se você quiser, você compre".

Olha, quando eu tava tendo contração pra descansar do meu último filho (*Sérgio Roberto, que nasceu em 1970*), eu sentindo dor pra descansar e mexia uma tachela de doce. Terminei de mexer às 11h30, quando foi às 18h30, eu descansei. Nem morri. Hoje eu peço: "Minha filha, mexa aqui pra mim enquanto eu vou ali". Aí ela (*a empregada*) diz: "Eu não, que eu me queimo toda". Eu digo pra esse povo que trabalha comigo: "Minha gente, eu tirava era capim, eu sei cavar com enxada pra plantar... Tudo isso eu fazia no sertão lá nas Oiticicas". Quando era no domingo, papai ia jogar e ficava só a mamãe com os filhos pequenos, e os animais tudo precisando comer. E aí a gente ia tirar comida. A gente tinha que atravessar o rio com um grajal cheio de capim, e o rio era uma enchente monstra. A gente botava o grajal na beira do rio, eu pulava dentro d'água, ele (*o irmão*) jogava o grajal, eu segurava, e ele pulava, saía empurrando e eu puxando. Isso dentro d'água que era mais maneiro, né? Quando chegava na beira, a gente se agarava. Mas eu não achei ruim não, que eu me acostumei.

Aos 14 anos, Terezinha mudou-se para Viçosa por conta do envolvimento do pai dela com a política.



Gustavo — A senhora vê o que a senhora faz mais como um trabalho ou como uma coisa do dia-a-dia, que faz por prazer?

Dona Terezinha — Eu gosto, e é de precisão. As duas coisas porque tem a precisão. Faço pra vender, porque nós só vivemos disso, meu filho. E meus filhos, todos têm família, têm filhos, precisam estudar, ninguém vive folgado, não. Meu filho (*Carlos Henrique, sexto filho do casal, nascido em 1968*) que vive em Teresina, vive muito bem. Ele mandou fazer uma reformazinha aqui em casa. Graças a Deus, eles estão me ajudando, mas eu queria era ajudar. Quando eles vêm me ver, todos levam uma caixinha de coisas. Eu fazia de 10 a 12 litros de café só pra eles levarem. Aí eles dizem: "Mamãe, faça isso não", aí eu digo: "Vocês acham ruim?" (*risos da turma*). Quando eles vêm, é uma animação, vão dormir tarde conversando na mesa. Eu quero que vocês vejam o pagode (*brincadeira, bagunça, diversão*) aqui em casa quando eles chegam, e são os netos tudinho, lembrando quando eram pequenos. Tem um que é gaiato, o Alfredo Filho, que dá cada grito! Fica aquela alegria na mesa (*pausa*). Mas aí eu começo a sentir que tô cansada... Cansada, não. Eu sinto que as forças nos braços estão acabando.

Outra coisa, parece que eu não sinto mais saudade, eu até falo pra Tereza Cristina. E ela diz: "É não, mamãe, é que quando a gente já sentiu muita saudade pensa assim". Mas, de madrugada, eu acordo e penso em tudinho, rezo pros anjos da guarda deles e peço pra eles rezarem pros filhos a oração do anjo da guarda. Era a primeira coisa que eu ensinava pra eles quando eram pequenininhos.

Síria — A senhora sempre diz que trabalhou muito, mas nunca teve muito dinheiro. A senhora nunca teve o desejo de comprar alguma coisa material?

Dona Terezinha — Vou dizer uma coisa que eu tive vontade, mas agora não tenho mais, não. Sabe o que é? É de visitar a Basílica, em São Paulo, de Nossa Senhora Aparecida (*em Aparecida, município a 167 km de São Paulo*). Carro, nada, essas coisas nunca tive vontade. Nunca tive vontade. Nós nunca compramos uma bicicleta pra um filho. Nós nunca pudemos. O Alfredo Filho era rapaziño novo, ia pras tertúlias, aí dizia: "Mamãe, vou tirar um cruzeiro da sua vasilha". Eu dava a liberdade de mexerem no meu dinheiro, mas eles tiravam só aquele tanto. Eu nunca tive vontade dessas coisas.

Tinha vontade de (*comprar*) coisa pra casa: geladeira, freezer; essas coisas eu tive vontade porque era pro trabalho. Assim que eu me casei, mamãe tava vendendo umas jóias, então o Alfredo comprou um relógio e

uma pulseira linda pra mim. Eu nunca usei, dei pras netas mulheres, na época, que eu tinha. Eu disse: "Vocês são filhas das minhas filhas, né?". Agora eu tinha tudo na minha casa; se chegassem dez pessoas pra dormir, eu tinha mais de dez redes. Essas coisas tudo eu tinha: lençol não faltava, toalha de banho não faltava, prato não faltava. Nunca pedi praticamente nada emprestado pra ninguém. O Alfredo nunca queria. Às vezes, as brigas que eu tinha com ele é que eu mandava comprar dois quilos de carne e ele comprava dez. Eu fazia um almoço ou um jantar, se precisasse de 150 pratos, eu tinha mais 150 guardados. Tem talher, tem tudo, bandeja. E por aí alugam; eu faço é emprestar. Eu digo: "Menino, besteira, não tô mais precisando delas todo tempo".

Quando eu fiz minhas bodas de ouro, não pedi doce de ninguém, nem aluguei, foi tudo que eu tinha. Essas coisas aí eu achava bom comprar, mas coisa mesmo de luxo, não. As coisas do meu casamento, tenho tudinho: rede, toalha de mesa, colcha de cama, e já foi à toda festa: do casamento da Tereza Cristina, da filha da Tereza Cristina, aos quinze anos da filha da Tereza Cristina; agora vai servir pra bisneta.

Thiago — Tem alguma coisa na sua vida que a senhora tem muito orgulho de ter feito?

Dona Terezinha — Meus filhos. Acho que foi a coisa melhor do mundo que eu tive foi isso. Deus me defenda se eu não tivesse filho, não é? Mas, graças a Deus, eu tive meus filhos, me respeitam como se fosse uma criancinha. Quando eu digo raivosa uma coisa, eles ficam calados; pode é acharem graça. Telefonam pra mim, conto as coisas, as novidades daqui, me adoram, tudo são bons, meus genros tudo são bons. Esse da Tereza Cristina (*Plínio*) é um filho bom. As minhas noras tudo são boas.

Diego — Como é relação com seus netos? Eles costumam vir muito aqui?

Dona Terezinha — Agora os pais deles não deixam que é pra não me dar trabalho, mas, quando eu tava mais nova, eu queria que você visse: tinha dia que eu fazia 20 pizzas. Fazia tudo por eles. Tiravam a roupa, vestiam a roupa, nem o quarto eu varria, porque passavam o dia todinho brincando numa cama pra uma rede, era aquela animação. Mas agora as mães não deixam, porque elas estão vendo que dá trabalho, né? Eu não tenho mais aquela força que eu tinha. Tinha dia que eles se sentavam na mesa, e eu assando pizza pra eles, mas comiam... Traziam os amigos deles, parecia que eram tudo meus netos.

Edwirges — A senhora sente que algum desses netos pode criar o talento pra culinária?

Dona Terezinha — Não (*pausa*). Só a mi-

Aos 18 anos, Terezinha casa-se com Alfredo Miranda, primo dezoito anos mais velho e tocador de pifano. O casamento aconteceu em maio de 1952, às cinco horas da manhã, na Igreja Nossa Senhora da Assunção. Segundo ela, isso era chamado de "queima" porque saia mais barato: só iam os noivos e os padrinhos.

O casal tem sete filhos: Tereza Cristina, Verônica Maria, Alfredo Filho, Maria Inês, Heloísa Helena, Carlos Henrique e Sérgio Roberto; 12 netos e uma bisneta.

Dois meses depois da união, parentes e conhecidos já chegavam para se hospedar na casa. Desde essa época, a movimentação pelo lugar sempre foi grande.

nha filha, a Tereza Cristina, que cozinha muito bem; a Verônica também cozinha direitinho. Mas ficam cansadas, se cansam logo. Eu digo que esse pessoal de agora é tudo cansado. Tudinho. Essas moças que trabalham comigo passam o pano na casa e dizem: "Ai, que dor nas costas!", e eu digo: "Minha filha, eu nunca tive coluna". *(risos)* Eu lavava rede, minha gente! E não eram essas redes maneiras *(eves)* de agora, não. Era rede de fio, que se faz em tear, rede de varanda. Num Natal desses, dei a cada um uma rede — já tô dando as minhas coisas pra eles. Olha, eu fazia no Natal — também o que eu fazia pra um, pra todos — teve uma época que fiz as almofadas, tudo em ponto de cruz, ponto de crochê, ficaram as coisas mais lindas. Outro ano, era só colcha de cama; em outro, era conjunto de toalhas. *(Tereza Cristina interrompe dizendo que uma mulher que tinha encomendado salgado, havia chegado e pergunta a dona Terezinha quanto custa o cento. Então ela responde: "é quinze reais o cento" e continua).* Eu ainda tô fazendo salgado pra vender, congelado. Eu congelo, aí brigam: "Por que é que a senhora tá fazendo isso?" Aí, eu digo: "Menino, isso aqui dá uma ajuda tão grande".

Edwirges — De tudo o que a senhora faz, o que é que sai mais?

Dona Terezinha — As petas. Tem gente que diz: "A sua peta é a melhor do mundo!". Eu achei foi graça. Eu faço peta e biscoito. Agora, eu faço três vezes mais peta do que biscoito. Nesse feriado agora *(feriado de Tiradentes)*, não faltou não, mas sempre falta. Antes de terminar o feriado, já estão se acabando as petas. Tereza Cristina agora há pouco chegou — eu tava até tirando o bolo

"Eu fazia coisa com oito anos – pegava menino – que tinha vez que eu desmaia-va! Os meninos da mamãe eram muito pesados, gordos, assim muito sadios. (Eu fazia) é porque gostava de menino mesmo".

Com dez anos de casamento, seu Alfredo ficou doente de tuberculose por um ano, e dona Terezinha teve de assumir a casa, passando a fazer bolinhos, doces, tijolinhos, esquecidos e petas para vender.

Dona Terezinha atualmente mora com o esposo, que tem 93 anos e está com mal de Alzheimer, e com a mãe, dona Julieta, que fará 100 anos em agosto.

do forno — e ela disse: "Mamãe, pra que a senhora tá fazendo isso?". Eu tenho que fazer até as coisas escondido dela, porque ela não quer. Quando eu escuto o barulho do carro dela chegando, eu corro e saio de perto do fogão.

Thiago — E a forma como a senhora faz essas receitas mudou daquele tempo que a senhora começou pra agora?

Dona Terezinha — É do mesmo jeito ainda. A Tereza Cristina diz: "Mamãe, isso é besteira. Se não tiver uma coisa, coloca outra; se não tiver o trigo, bota a maisena". Eu digo: "Não, eu faço do jeito que eu quero".

Edwirges — Têm alguns daqueles ingredientes que a senhora usava antigamente que a senhora não encontra mais?

Dona Terezinha — Não. Só que a gente usava bicarbonato em vez do Royal *(marca de um fermento)*. No esquecido, a gente botava bicarbonato.

Giselle — Como é que se faz o esquecido?

Dona Terezinha — Ele é feito com rapadura. Pra cada litro de goma, *(coloca-se)* uma rapadura, fazia o coco, o mel da rapadura, aí mistura com a goma. Aí, bota bastante ovos, bate, bate, muitas vezes. Aí, ficava desse tamanho de massa. As forminhas eram feitas de flandres *(forminhas de alumínio)*, o pessoal fazia aqui. Aí eu fazia 500, fazia até 1000 esquecidos pra vender.

Giselle — Num mês?

Dona Terezinha — Num dia! Passava o dia trabalhando, quando era de noite ainda tinha coragem de ir pras barracas, pras festas *(vender)*.

Edwirges — E por que esse nome, esquecido?

Dona Terezinha — Não sei porque chamam assim.

Giselle — Ainda sai muito?

Dona Terezinha — Não, sai não. Aqui *(em Viçosa)* tem gente que faz. Uma vez uma mulher me disse: "Eu comprei um esquecido ali, mas não é igual ao teu, não, Terezinha".

Edwirges — A senhora aprendeu quando era criança, adolescente?

Dona Terezinha — Criança, eu era criança. Eu fazia coisa com oito anos — pegava menino — que tinha vez que eu desmaia-va! Os meninos da mamãe eram muito pesados, gordos, assim muito sadios. *(Eu fazia)* é porque gostava de menino mesmo. Tinha aquela responsabilidade de banhar àquela hora. A mamãe pagava a mulher que lavava a roupa no rio, *(ela)* levava as trouxas de roupa desse tamanho. Quando chegava aquilo, era só *(a gente)* separando aquela roupa, cada qual guardava sua roupa. Não tinha aquela preocupação de engomar, por isso que passavam bem: não se preocupavam. Hoje, não,

é mais feliz, tem quem engome aquela roupa todinha. Às vezes, quando eu vinha, eu engomava até 11 horas da noite a roupa deles... As roupas deles eram todas engomadinhas.

Gustavo — Dona Terezinha, o que a senhora sente quando uma pessoa come o que a senhora fez e dá aquele sorriso, aquela satisfação de que gostou?

Dona Terezinha — Ah, eu fico orgulhosa, fico! Aquele, o Gilmar (*Gilmar de Carvalho, pesquisador da cultura popular e professor do Departamento de Comunicação Social da UFC*), o Gilmar gostava muito das coisas aqui em casa... Mais o Ismael (*Ismael Pordeus, antropólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da UFC*). Eles gostavam muito. Eles chegam aqui, às vezes, e eu boto o café pra eles e aquelas roscas que eu faço todo dia. Eles gostam muito das roscas, gostam muito das coisas que eu faço... E assim é muita gente. Tinha o doutor João Otávio, daí de Fortaleza, advogado, filho daqui de Viçosa e muito amigo do meu irmão, que dizia assim: "Ó, Antônio Raimundo, a carne de porco da Terezinha é muito boa". Ele mandava o dinheiro, eu comprava os coxões de porco e pronto: temperava e mandava pra ele. O meu sobrinho, filho do Zé Maria, o Netinho, um dia desses chegou e disse: "Tia Terezinha, você tempera uma carne pra mim?" Aí eu disse: "Tempero, meu filho!" Aí ele comprou um coxão de porco, temperei, botei pra congelar pra ele levar pra Fortaleza.

Giselle — Dona Terezinha, o ex-governador Lúcio Alcântara esteve por aqui também, né?

Dona Terezinha — Teve!

Giselle — Como foi essa visita?

Dona Terezinha — Olha, foi no Festival que houve. E aí... — é uma loucura o Festival, muita gente por aqui...

Giselle — Naquele mel, cachaça e chorinho (*Festival Mel, Cachaça e Chorinho, que acontece desde 2007 em Viçosa do Ceará*)?

Dona Terezinha — Foi não, foi no primeiro Festival, o Festival de Música (*Festival de Música na Ibiapaba, que acontece desde 2004*). Aí a Tereza Cristina disse: "Vou ali em casa depressa e volto já". Tava só eu e o Alfredo. Só via era entrar gente, aqui pela frente — e entrando gente. Quando eu olhei, eu disse: "Valha-me Deus, é o governador! (*risos*) Porque que vocês não avisaram?" (*e alguém respondeu:*) "Não, senhora, tá muito bem! Mande seu Alfredo tocar o pífano". Aí eu mandei o Alfredo tocar o pífano, e (*eles*) tomaram licor. O pessoal que veio com ele — a comitiva — veio tudo foi comprar doce de buriti. E aí eu fui vender. Quando ele saiu, acompanhei, ele falou comigo e pegou na mão.

Síria — A senhora faz uma comida boa

que todo mundo gosta. A senhora acha que alguém tem inveja?

Dona Terezinha — Acho que não... Tem não. Porque todo mundo que perguntasse como é que eu fazia as coisas, eu dizia. Eu nunca deixei de dizer que ensinava, não! Às vezes, tem gente de Fortaleza que andava aqui que telefona pra perguntar como são as coisas que eu faço, e eu digo. Não... Eu nunca fui egoísta. Acho que o mundo é pra todos.

Talita — A senhora acha que é um dom, cozinhar?

Dona Terezinha — Às vezes, o pessoal diz que é a mão. (*risos*)

Thiago — E a senhora acha que é?

Dona Terezinha — Olhe, quando é na Semana Santa, se você vir o que eu faço aqui: eu compro muito feijão maduro, boto aqueles panelões no fogo, e aí os que entram vão tomar licor. Um dia, um chegou com a xícara: "Que caldo de feijão!", e eu dou! Os meninos aqui em casa têm raiva: "Mamãe, por que essas coisas?", (*e eu respondo:*) "Menino, isso não faz mal a ninguém não, uma coisa dessa". Às vezes, eu saio com uma bandeja com três, quatro xícaras e levo pra mesa pra eles. É tão bom, e não tão bebendo? Quem não gosta muito é a Verônica, que só quer vir aqui quando não tem ninguém, já marcou três vezes — agora, foi assaltada, (*baixa o tom de voz*), o marido adoeceu, quebrou os braços, ela agora não vem tão cedo. Ela diz: "Ah! Ninguém pode tá sossegada, a gente tá comendo e tá o pessoal entrando..." E eu acho é bom. Nem me importo. Faço tudo que eu quero tá com muito tempo.

Alinne — E essa história de Artesanato Alimentar (*na placa da entrada da Casa dos Licores, lê-se o nome Artesanato Alimentar - Alfredo Miranda*), quem foi que inventou?

Dona Terezinha — Isso aí foi a Tereza Cristina que mandou um amigo nosso — que faz umas placas a pedido — fazer. Agora era uma na frente e outra atrás. Pois vocês sabem o que foi que fizeram? Quebraram a placa, ficou só o cano, pois jogaram uma bomba dentro do cano. A gente tava 11 horas (*da noite*) ainda trabalhando, quando ouvi foi o "papoco" (*estruendo*). Quando foi de manhã, o rapaz falou que o cano tava lá no meio da rua. Botaram uma bomba dentro do cano. Por isso é que o Alfredo fecha as portas. Ele tem até razão, porque podem jogar até uma bomba, né, dentro de casa? Em toda parte tem gente ruim, né? Todo mundo que vem pra Casa dos Licores chega aqui na rua (*Rua Francisco Caldas da Silveira*) e pergunta onde é, e o pessoal não sabe dizer. Um dia desses, um menino disse: "Ave Maria, eu perguntei, não tinha quem soubesse ensinar onde era a Casa

Hoje, com 45 anos de existência, a Casa dos Licores tem nove funcionários. São 55 tipos de licores, e o mais tradicional é o de jenipapo. Além disso, o visitante encontra petas, doces, geléias, sequilhos, esquecidos, bulins e roscas de goma.

Alfredo e Terezinha são muito voltados ao trabalho, mas é sempre aquela alegria: ela mais sisuda e ele sempre piadista, tudo aproveita e conta uma piada.

O casal tem uma relação de amor e cumplicidade. Ela conta que Seu Alfredo só dorme abraçado a ela. Um dia, ele lhe ofereceu 20 reais para que ela parasse de trabalhar e fosse deitar com ele, ao que ela respondeu: "Alfredo, eu tô muito barata".

dos Licores."

Edwirges — Com quem foi que a senhora aprendeu a fazer os licores?

Dona Terezinha — A mamãe fazia quando ela tava esperando menino. Chama-se o mijo do menino, o licor. (*burburinho*) Saiu uma reportagem no jornal com o Gilmar, perguntando por que era, e eu disse que era o mijo do menino e saiu. O pessoal chega aqui e diz: "Eu vim beber o mijo do menino". E a mamãe fazia, mas só fazia de jenipapo e tangerina, aí eu comecei. Quando eu me casei, eu trouxe muito licor fresco pras visitas. Na televisão, já tenho visto naquelas festas, naquelas coisas, (*as pessoas*) servindo licor. Eu digo: "Olhe, meu licor tá na fama também!" (*risos*)

Edwirges — E nessas visitas que a senhora recebia aqui, teve alguém que chegou a passar do ponto, que ficou "alegre" demais?

Dona Terezinha — Fica, fica, às vezes tem mulher que fica (*risos*). A mamãe um dia chegou (*e disse*): "Eita, que aquela chegou de noite e saiu dando bom dia" (*risos*). Porque a mamãe era muito assim, muito viva. Às vezes, ela dizia: "Será que esse pessoal tá pagando direito?" (*risos*). Olhe, quem vem muito aqui é esse pessoal holandês e da Bélgica... Finlandeses, pra mim são os melhores. Os holandeses são assim: (*ela faz um gesto com a mão fechada*) (*risos*). Acho graça, porque eles pensam que a gente tem aquela obrigação. Um dia, chegaram 18 holandeses, sentaram na mesa e beberam, beberam, mas bebem! Não gostam de comer muito, eles não gostam... parece que eles têm é medo de comer! Mas beberam, beberam, aí se levantaram e não compraram um saco de peta. Um dia, disseram: "Ah, Dona Terezinha, olha, não compraram nada!", e eu disse: "Não, eles pensam que isso aí é o governo que tá dando pra eles" (*risos*). E eu (*disse*): "Isso aqui, meu filho, é feito com tanto sacrifício", aí saíram — porque o licor, quando (*a pessoa*) toma muito, esquenta, a pessoa sua; eles (*holandeses*) saem pingando suor. Agora, os finlandeses são ótimos, eles compram bastante, são mais decentes; os holandeses, eu não gosto, não. (*risos*)

Alinne — A senhora faz licor de várias frutas e faz os especiais. E tem um que é de pétalas de rosa...

Dona Terezinha — ...Esse daí é a Tereza Cristina que tá fazendo. Esses aí eu nunca fiz: pétalas de rosa, chocolate... Os meninos (*irmãos de Tereza Cristina*) "mangam" (*riem*) é muito dela: "Tu vendeu muito especial?", eles telefonam pra mangar dela, pra atentar ela: "Tereza, tu tem vendido teus especiais?". O Alfredo Filho que brinca, é da-

nado! Esses especiais aí eu nunca fiz...

Síria — E canela de cunhã?

Dona Terezinha — Canela de cunhã eu faço.

Síria — E por que dizem que é afrodisíaco?

Dona Terezinha — Ela (*Tereza Cristina*) já falou com aquele professor Matos, é Matos? (*Francisco José de Abreu Matos, criador do projeto Farmácias Vivas da UFC*), especialista nesse negócio de planta, ele é da Universidade. Acho que é da UFC, que ele já veio colher planta aqui. Ela conversou com ele, e ele disse que era igual Viagra (*risos*). Agora, veio um pessoal da Universidade, comprou foi muito... (*risos*), o pessoal da Engenharia. Olha, esse licor o Alfredo fazia, porque da planta se faz chá, é digestivo, a pessoa tomava chá de canela de cunhã pra cólica. E aí o Alfredo fazia muito, nós fazíamos muito, e nunca soubemos nada. Pois a Tereza Cristina um dia foi conversar com o professor, e ele disse que é (*afrodisíaco*): que aumenta num sei o quê, num sei o quê. Agora, é o que sai mais; toda semana eu engarrafo um bocado. Porque é assim: a gente faz os licores tudo devagar, meu filho, por isso que a gente trabalha muito, porque tudo é feito à mão. Tem um rapazinho que me ajuda, que é lerdo, preguiçoso, tem hora que eu dou as coisas na mão dele tudinho — é porque eu tenho muita paciência, eu tenho muita paciência. Também tem um rapaz que trabalha comigo, que é grosseiro, ignorante. Às vezes, eu pergunto: "Antônio, você fez..." Aí ele: rrruummm (*Dona Terezinha faz um grunhido*) (*risos*). Aí eu digo: "Ô, rapaz, parece que você tá é doente! Tá sentindo uma dor é?". Eu faço (*esse trabalho*) também porque eu preciso, eu faço é porque eu preciso fazer. Olhe, nossa renda é só isso, é só isso. Ele (*Seu Alfredo*) se aposentou com um salário, e toma remédio de 280 (*reais*) a caixa.... (*Seu Alfredo entra na sala tocando seu pife e interrompe a entrevista. Dona Terezinha diz em tom de brincadeira que vai fugir conosco. Ele ri e pergunta se ela vai deixá-lo sozinho. Ela diz que sim, e ele que vai arranjar três "negas" na Igreja do Céu. Ela pede pra ele ir atrás da Tereza Cristina novamente. Ele começa a tocar o pife. Tereza Cristina chega e o leva*).

Dona Terezinha — Olha, isso aqui é pra gente sobreviver. E aqui é aquela coisa: tem dia que vem muito (*cliente*), tem dia que vem pouco, não é aquela coisa certa. Mas a gente faz porque tem precisão; eu gosto e tem precisão. Deus me defenda de chegar um filho meu, me pedir uma coisa e eu não poder dar.

Síria — Pois, dona Terezinha, a gente quer agradecer a entrevista. Obrigada!

Dona Terezinha é muito religiosa, é devota de Santa Terezinha (como não poderia deixar de ser), de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Sagrado Coração de Jesus. Ela conta: "Deus está o tempo todo acostado de mim". Por causa da saúde, os dois não podem mais ir às missas, mas o ministro da Eucaristia leva a comunhão a eles.

Dona Terezinha — Agora, se tiver alguma coisa errada vocês não vão botar não! (risos)

(Os alunos aplaudem e dona Terezinha continua falando do comentário das pessoas de que ela deveria parar de trabalhar, porque já tem os filhos dela pra ajudar, ao que ela retruca dizendo que os filhos dela também têm filhos pra cuidar. Depois, dona Terezinha fala do desejo de seu Alfredo de morrerem juntos. Incisiva, conta que gosta do que faz e não deve nada a ninguém. "Meus filhos", ela afirma com orgulho, "nunca passaram fome!" A turma chama dona Terezinha para a sessão de fotos e, em seguida, todos começam a procurar petas, doces e licores de sua preferência. Para surpresa nossa, ela nos presenteia com um licor para cada. No dia seguinte, fomos novamente à Casa dos Licores e, dessa vez, outra lembrança: petas, sequilhos e "bulins" para degustarmos durante a viagem.)



Entre os visitantes ilustres da Casa dos Licores estão o ex-governador do Ceará, Lúcio Alcântara, e o arcebispo Dom José Antônio.

Todos os entrevistados só fizeram boas referências a dona Terezinha. Pelo que vimos, ela não possui desafetos.